



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
COORDENAÇÃO DE PESQUISA

PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSAS DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA –
PIBIC

HISTÓRIAS DO COTIDIANO EM SERGIPE NA SEGUNDA GUERRA (1942-1945)

Crônicas dos tempos de guerra: um estudo do cotidiano sergipano (1942-1945)

Relatório Final

Período da bolsa: de (Setembro de 2021) a (Agosto de 2022)

Este projeto é desenvolvido com bolsa de iniciação científica

PIBIC/CNPq

Orientador: Dilton Cândido Santos Maynard

Aluna: Priscila Antônia dos Santos

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	3
2. OBJETIVOS.....	4
3. METODOLOGIA.....	5
4. RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	7
4.1 <i>CORREIO DE ARACAJU E O FOLHA DA MANHÃ.....</i>	7
4.2 ANTECEDENTES DA ENTRADA DO BRASIL NA II GUERRA.....	9
4.3 ARACAJU ÀS VÉSPERAS DOS TORPEDEAMENTOS: O CASO DE ELIZEU E DE ULISSES.....	10
4.4 À DERIVA.....	13
4.5 <i>A VIBRAÇÃO CÍVICA DE SERGIPE.....</i>	17
4.6 <i>REUNIÕES NOTURNAS SECRETAS E ESPIÕES.....</i>	19
4.7 ARACAJU SOB ATAQUE: TREINAMENTOS DE DEFESA PASSIVA ANTIAÉREA, <i>BLACKOUTS</i>	24
4.8 TEMPOS DE CARESTIA.....	26
4.9 PE. BRITO OPINA.....	27
5. CONCLUSÕES.....	30
6. PERSPECTIVAS DE FUTUROS TRABALHOS.....	31
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	31
8. OUTRAS ATIVIDADES.....	36

1. INTRODUÇÃO

O Projeto de Pesquisa *Histórias do cotidiano em Sergipe na Segunda Guerra (1942-1945)*, objetiva analisar a série de torpedeamentos sofridos pelos navios mercantes brasileiros nas costas da Bahia e Sergipe em agosto de 1942, observando os desdobramentos do conjunto de agressões que oficialmente provocaram a entrada do Brasil como único país da América do Sul a se envolver no maior conflito bélico do século XX. Os torpedeamentos influenciaram substancialmente os rumos da política, da cultura, da sociedade, das forças armadas e da economia brasileira. Após eles, um país diferente, mais industrializado e com fortes pretensões de liderança continental começou a ganhar contornos evidentes (TOTA, 2000; LOCHERY, 2014).

Em plena Segunda Guerra Mundial, navios brasileiros foram atacados pelo submarino alemão U-507, um “unterboot” que realizava missões pelo Atlântico (GOMES FILHO, 2006). A ofensiva submarina comandada pelo Korvettenkapitän (Capitão-de-Corveta) Harro Schacht na noite de 16 de agosto de 1942, entre as águas da Bahia e Sergipe, afundou inicialmente as embarcações mercantes Baependy e Araraquara. Outro navio, o Aníbal Benévolo, navegava a cerca de 7 milhas das praias sergipanas quando foi atacado. As vítimas foram tragadas pelas águas e os sobreviventes levaram tempo para alcançar terra firme (MAYNARD & MAYNARD, 2011).

O Plano de Trabalho *Crônicas dos tempos de guerra: um estudo do cotidiano sergipano (1942-1945)*, analisou as narrativas de periódicos sobre Sergipe nos dias da Segunda Guerra, principalmente os relatos voltados para os momentos dos dias dos torpedeamentos e das repercussões no cotidiano provocadas pelos ataques.

Considerando o variado repertório de registros utilizado nesta investigação, compreendendo fontes impressas (jornais, revistas, boletins, processos etc.), virtuais, foi adotado um “rigor flexível”, como concebe Carlo Ginzburg (1989). Nos jornais buscamos observar as crônicas, manifestações sobre o cotidiano de Aracaju e outras cidades de Sergipe, mas também as propagandas, as notas policiais, notificações sobre atividades de regimentos militares, chefes diplomáticos, chefes políticos, reproduções de discursos e palestras. Entenderemos tais registros não como espelhos da realidade, mas como “imagens parciais, distorcidas e subjetivas” que exigem interpretação e cuidado no seu uso (LUCA, 2005).

Através da análise *Correio de Aracaju* e *Folha da Manhã* foi possível acompanhar alguns detalhes de como os ataques ocorreram e como a população sergipana recebeu essa notícia, as dificuldades que os sobreviventes foram submetidos em alto mar. Além de levar em consideração a censura que atuava nos periódicos através do Departamento de Imprensa e Propaganda – DIP.

A leitura dos periódicos também permitiu observar como a população lidou com a tragédia manifestando sua revolta e indignação em comícios que culminaram em agressão contra estrangeiros do Eixo (alemães, italianos e japoneses). Os jornais cultivaram um discurso em que estes passaram a ser percebidos como inimigos e suspeitos de participarem dos ataques pejorativamente chamados de “quinta-colunas”.

Através da ocorrência dos *blackouts* e treinamentos de defesa passiva antiaérea observamos como a intervenção da guerra na vida dos aracajuanos ia além dos próprios torpedeamentos. Realidades que outrora parecia algo distante se impuseram no cotidiano daqueles que viveram em tempos de guerra. Destacamos também as crônicas de algumas figuras sergipanas que possibilitaram conhecer os assuntos em voga na época.

A análise dessas fontes e a leitura de algumas obras como *Leitura da Segunda Guerra Mundial em Sergipe* (MAYNARD & MAYNARD, 2013); *Dias de Luta: Sergipe durante a Segunda Guerra Mundial* (MAYNARD & MAYNARD, D. 2011); *Segunda Guerra: Histórias de Sergipe*, (BARBOSA; MAYANRD & MAYNARD, 2015) possibilitaram conhecer melhor como Aracaju vivenciou a guerra, ambientada na ditadura do Estado Novo (1937-1945).

Os impressos foram catalogados e submetidos à interpretação da bolsista e orientador, analisando-se os termos empregados, a autoria, o texto em si e a forma como a notícia estava sendo divulgada. Além das fontes, foram propostas várias leituras e indicações de filmes pelo orientador para fornecer o embasamento necessário para a realização do trabalho.

2. OBJETIVOS

a) Analisar as narrativas de cronistas sobre Sergipe nos dias da Segunda Guerra, principalmente os relatos voltados para os momentos dos dias dos torpedeamentos e das repercussões no cotidiano provocadas pelos ataques;

- b) Discutir a produção historiográfica sobre a Segunda Guerra Mundial em Sergipe, situando-a na produção regional e nacional e, a partir disto, realizar análises de excelência sobre o tema;
- c) Promover a capacitação pessoal técnico de alto nível nos principais temas referentes à História Contemporânea, com ênfase na Segunda Guerra Mundial; Manter e ampliar a produção sistemática de artigos, resenhas, papers, relatórios e demais tipos de publicação visando assim inserir o GET/UFS como espaço produtor de material de referência sobre a história contemporânea sergipana.

3. METODOLOGIA

A metodologia empregada consistiu inicialmente no levantamento das fontes no acervo físico da Hemeroteca da Biblioteca Pública Epifânio Dória, onde foram apurados os periódicos e seus respectivos anos:

- *Correio de Aracaju*: segundo semestre de 1942;
- *O Nordeste*: segundo semestre de 1942.

Através a plataforma online (<https://jornaisdesergipe.ufs.br/>) disponibilizada pelo Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal de Sergipe (SIBIUFS), que oferece notícias digitalizadas pertencentes ao Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, foram acessados:

- *Folha da Manhã*: segundo semestre de 1942, 1943 e 1944;
- *Correio de Aracaju*: 1943, 1944 e 1945;

No arquivo do judiciário foi consultado o relatório do Chefe de Polícia Enoch Santiago dirigido ao Interventor Augusto Maynard Gomes.

- Inquérito instaurado no Departamento de Segurança Pública do Estado contra brasileiros acusados de ex-integralismo exaltados e simpatizantes das idéias nazi- fascistas. Enoque Santiago. 22 de dezembro de 1942.

As notícias apuradas foram fichadas em um modelo de ficha-padrão do Grupo de Estudos do Tempo Presente-GET, obedecendo aos seguintes processos:

- Catalogação das notícias (indicar nome do jornal, título, data,

local, numeração, autoria e nome da bolsista);

- Transcrição da notícia;
- Realização de comentários e reflexões sobre as notícias transcritas feitos pela bolsista e discutidos com o orientador.

No decorrer da pesquisa foram confeccionados alguns verbetes sobre personagens, organizações e lugares ligados ao tema da relação de Sergipe com a Segunda Guerra, os textos foram produzidos sob a supervisão do orientador. Esses verbetes foram utilizados ao longo dos resultados e discussões.

Segundo Luca (2005), ao utilizar jornais enquanto fontes históricas o historiador deve estar atento a todas as suas características, desde o seu aspecto físico, a organização espacial do conteúdo, a circulação, bem como o conhecimento dos seus produtores. A historicização do jornal parte da concepção de que é algo construído por homens e nada é feito naturalmente. Conhecer o posicionamento do corpo editorial permite compreender a origem de alguns discursos vigentes.

As notícias são como lentes pelas quais o historiador pode estudar o passado, para se aproximar da realidade é necessário tecer críticas ao objeto. Nessa perspectiva, interessa o que está dito assim como os silenciamentos. Os periódicos analisados nesse trabalho exigem esse trato especial por sua origem de períodos ditatoriais como o Estado Novo (1937-1945). Sendo possível constatar a intervenção da censura nos jornais através do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP).

Considerando o variado repertório de registros que devemos utilizar nesta investigação, compreendendo fontes impressas (jornais, revistas, boletins, processos etc.), virtuais ou até mesmo orais (depoimentos), é preciso considerar que nossa metodologia deverá adotar um “rigor flexível”, como concebe Carlo Ginzburg (1989). Além disso, em alguns momentos existiu a necessidade de uma análise “microscópica” dos eventos tal como concebe a micro-história italiana. A redução da escala de observação permite a compreensão de fatores que não estão visíveis numa análise panorâmica (LEVI, 1999).

Nos jornais buscamos observar as crônicas, manifestações sobre o cotidiano de Aracaju e outras cidades de Sergipe, mas também as propagandas, as notas policiais, notificações sobre atividades de regimentos militares, chefes diplomáticos, chefes políticos,

reproduções de discursos e palestras. Entenderemos tais registros não como espelhos da realidade, mas como “imagens parciais, distorcidas e subjetivas” que exigem interpretação e cuidado no seu uso (LUCA, 2005).

Para lidar com a documentação deve se fazer a crítica externa e interna, captar os testemunhos involuntários, analisar as informações que estão nas entrelinhas, atentando-se para o que não está dito de maneira explícita. É também compromisso do historiador ao escrever a história propor uma abordagem, sobretudo, que busque captar os indivíduos, “já o bom historiador se parece com o ogro da lenda. Onde fareja carne humana, sabe que ali está sua caça”, estabelecendo a história como ciência que estuda o homem no tempo (BLOCH, 2001).

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1 *CORREIO DE ARACAJU E O FOLHA DA MANHÃ*

Essa seção foi criada a partir dos verbetes confeccionados ao longo da pesquisa e tem por objetivo fornecer informações básicas sobre os periódicos trabalhados. O *Correio de Aracaju* foi fundado em 24 de outubro de 1906, pelo General Manuel Prisciliano Oliveira Valadão (1849-1921) e encerrou suas atividades em 29 de junho de 1962. Em 1914, se tornou órgão do Partido Conservador Sergipano, desde sua fundação defendia os valores republicanos, a moral-cívica e bons costumes prezados pelo seu fundador. O periódico circulava diariamente para quinze cidades sergipanas, a redação e oficina funcionavam na av. Rio Branco, nº 34. O *Correio* só apresentava os nomes de alguns colunistas, do Diretor-Proprietário, Luiz Garcia Filho e o Redator-Chefe, Zózimo Lima, que estiveram na administração durante o período da II Guerra (GONDIM; MELLO, 2009).

Luiz Garcia Filho (1910-2001), nasceu no município de Rosário do Catete (SE), filho de Antonio Garcia Sobrinho e Antonia Garcia. Seu pai foi funcionário público e comerciante e na ocasião do Movimento Tenentista (1922-1927) apoiou o então 1º tenente Augusto Maynard Gomes. Além da sua carreira como jornalista, Luiz Garcia estudou em Salvador, onde se formou como bacharel em direito, abriu escritório de advocacia em Sergipe e no Rio de Janeiro. No campo da política, entrou para o partido da União Democrática Nacional (UDN), em 1945, foi eleito quatro vezes para deputado, e uma vez para governador de

Sergipe, 1958.

Zózimo Lima (1889-1974), nasceu no município de Capela (SE), foi funcionário público federal exercendo a profissão de telegrafista durante 40 anos. Atuou em diversos periódicos como *A Tribuna de Santos*, *A Tarde* de Salvador e entre outros. Mas, foi no *Correio de Aracaju* que teve maior destaque e ocupou o cargo de Redator-Chefe, além de publicar algumas crônicas na coluna “Variações em fá sustenido”.

O *Folha da Manhã* foi fundado em 23 de janeiro de 1938, pelo Diretor-Proprietário Adroaldo Campos. A partir de 1941, a propriedade foi passada para Manuel Vicente de Brito e a direção para José Soares de Brito. A redação e oficina funcionavam na rua Laranjeiras, nº 362. Diferente do *Correio de Aracaju*, o *Folha* possuía um forte viés religioso, o Cônego Edgar Brito, que era filho do dono, foi um dos principais columnistas do noticiário.

Com relação aos aspectos materiais, o *Correio de Aracaju* e o *Folha da Manhã* apresentavam algumas semelhanças, geralmente, eram constituídos por quatro páginas. Na primeira, a Guerra que se desenrolava na Europa era o assunto principal, as manchetes vinham em destaque falando sobre invasões, bombardeamentos, blitzkrieg e entre outros. Como por exemplo, a manchete do dia 01 de fevereiro de 1943 do *Correio de Aracaju*: “Total destruição das forças nazistas em Stalingrado”, é perceptível o tom apelativo para chamar atenção do leitor, muitas vezes essas notícias eram acompanhadas de uma imagem que ficava em destaque no centro. Em menor escala, se publicavam informações sobre o país do correspondente da Agência Nacional, principalmente, do Rio de Janeiro, capital federal na época.

A segunda página, geralmente, apresentava algumas crônicas em colunas específicas, no *Correio de Aracaju* a coluna “Efemerides Sergipanas” tratava sobre história de Sergipe, escrita por Epiphânio Dória; “Nem Todos Sabem” sobre curiosidades; “Há muitos anos passados” trazia notícias antigas publicadas pelo próprio jornal; e com menos frequência se publicavam crônicas na coluna “Variações em fá sustenido” escrita por Zózimo Lima. Na terceira página se apresentava o futebol sergipano junto ao “Indicador Profissional”.

No *Folha da Manhã*, a segunda e terceira páginas traziam as colunas “Síntese Literária” e “Digressões Semanais”, escritas pelo promotor de Neópolis e diretor do DEIP Luís Pereira de Melo, as colunas eram publicadas alternadamente, a primeira tratava sobre literatura e filosofia, a segunda sobre assuntos jurídicos. A coluna religiosa era escrita pelo

Cônego Edgar Brito que dava seu parecer sobre todos os assuntos recorrentes.

Em ambos noticiários as últimas páginas divulgavam os acontecimentos locais, que disputavam seu espaço com os anúncios, ali se encontravam os “Fatos Policias”, os registros de reclamações de leitores, os anúncios dos cinemas, avisos da prefeitura, programação cultural etc. A escolha do local para cada notícia não é feita por acaso, o lugar ocupado tem algo a dizer sobre o que esses jornais gostariam que fossem mais ou menos relevantes para seus leitores (LUCA, 2005).

Se deve também levar em consideração que no contexto do Estado Novo (1937-1946), a censura não permitia a divulgação de notícias que mostrassem as falhas da administração pública. De acordo com o Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro da Fundação Getúlio Vargas – DHBB/FGV, o Departamento de Imprensa e Propaganda-DIP foi criado em 27 de dezembro de 1939, como órgão nacional de censura institucionalizada do Estado Novo, responsável também por promover a ideologia estadonovista e a figura política e pessoal de Getúlio Vargas. A nível estadual existiam os DEIPs Departamentos Estaduais de Imprensa e Propaganda.

4.2 ANTECEDENTES DA ENTRADA DO BRASIL NA II GUERRA

Um dos prazeres de estudar os fatos históricos é a possibilidade de sermos uma espécie de “viajantes no tempo”, capazes de transitar entre o presente, o passado e o futuro do passado. Esse olhar através dos tempos permite situar melhor os acontecimentos dentro dos seus contextos. Por isso, primeiramente veremos o que se pode chamar de panorama geral.

Recuando ao ataque de Pearl Harbor, em 07 de dezembro de 1941, se observa melhor o posicionamento do Brasil em relação ao conflito mundial. A partir da ofensiva japonesa contra a base naval, os EUA entraram na Guerra e observamos uma crescente pressão norte-americana para que o Brasil se posicionasse a favor dos Aliados.

A posição do Brasil era urgente e importava aos EUA, porque um país com dimensões continentais vivendo sob um regime autoritário, o Estado Novo, poderia trazer grandes problemas aos vizinhos do norte caso se aliasse ao Eixo. Além disso, o saliente nordestino era um local estratégico para a instalação de bases militares e envio de tropas estadunidenses para a África.

O governo brasileiro seguia com uma política de neutralidade que negociava com “os dois lados da moeda”. Dentro do espectro político, o Estado Novo estava mais próximo de um regime fascista. No comércio, Alemanha e EUA eram seus principais parceiros. A impressão que se tem é que o presidente Getúlio Vargas, percebendo as vantagens dessas parcerias, sustentou a neutralidade até o último instante.

De acordo com, Lochery (2015), nos bastidores do Itamaraty a atividade diplomática entre dezembro de 1941 e janeiro de 1942 foi intensa para o convencimento do presidente brasileiro a tomar partido na guerra. A decisão chegaria na III Conferência dos Chanceleres, realizada no Rio de Janeiro entre 15 e 28 de janeiro de 1942. O objetivo da Conferência era que a América formasse um só bloco forte e unido contra o Eixo.

Na ocasião, dezenove chanceleres da América Latina discursaram a favor do rompimento de relações diplomáticas com o Eixo, com exceção da Argentina e Chile. Após treze dias de discussões, a resolução chegou no dia 28 de janeiro de 1942. O Brasil anunciava o corte de relações com o Eixo, essa atitude foi interpretada como um “estado de beligerência latente” passando a condição de alvo da retaliação alemã (SANDER, 2008).

É válido salientar que o ano de 1942, para Alemanha, é o período que o desenvolvimento de submarinos alemães estavam a pleno vapor. Sob comando do almirante Karl Donitz, responsável pela *Kriegsmarine* alemã, foi iniciada uma caçada submarina no Atlântico Sul criando um novo front. Em breve o litoral brasileiro se tornaria alvo dos ataques dos *U-boats* alemães. O objetivo era atrapalhar as trocas comerciais dos Aliados.

Em meados do dia 18 de fevereiro de 1942, quando os foliões tomavam conta das cidades brasileiras, os jornais foram inundados pelas notícias dos primeiros afundamentos de navios brasileiros. Os ataques aos navios *Buarque* e *Olinda* marcaram o que ficou conhecido como *carnaval sombrio* (SANDER, 2008).

4.3 ARACAJU ÀS VÉSPERAS DOS TORPEDEAMENTOS: O CASO DE ELIZEU E DE ULISSES

A escrita dessa seção surgiu diante da necessidade de responder ao seguinte questionamento: como estava a sociedade aracajuana que receberia os torpedeamentos?. Diante de algumas fontes consultadas, observamos alguns aspectos dessa sociedade que

ajudam a compreender suas reações e ações após agosto de 1942.

As notícias se espalhavam pelo país e mês após mês chegavam as informações de novos torpedeamentos. Aqui será necessário “reduzir a escala de observação” e analisar em retrospectiva os acontecimentos para tentar apreender como Aracaju estava lidando com esses eventos (LEVI, 1999).

No dia 11 de julho de 1942, o *Correio de Aracaju* noticiava o suicídio de um jovem sergipano. Elizeu Profeta do Nascimento, 27 anos, solteiro, marujo dos vapores Loyde Brasileiros responsável pelo comércio internacional. Quando seguia a bordo do *Buarque*, sofreu o torpedeamento pelo U-402 na madrugada do dia 16 de fevereiro enquanto se aproximavam do destino final, Nova York. As baleeiras foram arriadas e 89 dos 90 tripulantes conseguiram sobreviver, inclusive o sergipano. (ENLOUQUECEU e atirou-se ao mar, quando regressava ao Brasil. **Correio de Aracaju**, 10 de julho de 1942. p.06).

Elizeu foi o único náufrago que recebeu ordens para retornar ao Brasil a bordo do *Arabutan*. Por infortúnio, no dia 07 de março a embarcação também foi torpedeada pelo U-155 próximo nas imediações onde o *Buarque* afundou. Em menos de um mês, Elizeu passou por duas experiências traumáticas que afetaram seu estado mental.

Foi recebido na cidade de New Port, estado da Virgínia e conduzido para o Stat Hospital de Wiliansburg, internado “em virtude de se achar com o sistema nervoso alterado detonando sofrer das faculdades mentais”. Elizeu retornou em meados de maio, à bordo do *Poconé* sob vigilância, entretanto, bastou um descuido para o rapaz se jogar ao mar, na madrugada do dia 22 de maio.

A guerra, aos poucos, chegava a realidade dos aracajuanos, Elizeu deixava seus pais e irmãos. Em entrevista ao *Correio de Aracaju*, a mãe do náufrago, Mariana Nascimento chorava a morte do filho segurando um retrato oval. A senhora temia pela vida de outro filho, Isaac, um jovem de 24 anos com a mesma profissão do irmão. O marujo viajava há um ano a bordo do *Paranaloide* para Portugal conforme havia escrito para os pais. (TROUXE o destino de perecer no mar. **Correio de Aracaju**, 11 de julho de 1942. p. 06).

Já o jovem sergipano Ulisses Ferreira trabalhava a bordo do *Gonçalves Dias* junto com outros 52 tripulantes, foi uma das 6 vítimas do U-502 atacados na madrugada do dia 24 de maio. O marinheiro deixava sua mãe, Elóssia Ferreira, e uma irmã pequena a quem ajudava sustentar.

De acordo com o *Correio* a situação para essa família tinha se tornado muito difícil, não possuíam casa própria, e a esperança de tê-la foi levada com a morte de Ulisses. Sensibilizados com a tragédia, o jornal engajou uma campanha de arrecadação de recursos para a compra de uma casa para a família.

A campanha teve duração de aproximadamente três meses, entre junho e agosto, a cada nova contribuição o valor era atualizado numa lista publicada no jornal. A iniciativa recebeu apoio da Polícia, do Educandário Jackson de Figueiredo, Esporte Clube Sergipe e entre outros.

Chama atenção um doador anônimo que se identificavam simplesmente como “anti-fascista”. Numa pequena carta enviada ao *Correio*, a pessoa ressaltava que Ulisses, o primeiro sergipano morto pelos “bandidos fascistas” cumpria uma “alta missão patriótica” ao tentar mantê-lo comércio internacional.

O fato de Ulisses ser sergipano era um critério utilizado pelo jornal para sensibilizar o apoio à campanha. O doador se colocava antes de tudo como um “anti-fascista”, valores que eram constantemente pregados pelo periódico. A partir dessas falas, se observa como esses eventos podiam adquirir sentidos diferentes quando levados para o campo do nacionalismo, um humilde marinheiro se tornava um agente imbuído de “alta missão patriótica”.

Nos tempos de guerra os eventos eram levados a outro patamar, a partir deles se construía novos significados. Nesse caso, o discurso nacionalista era diariamente incitado pelas instituições para instigar as paixões patrióticas. Podemos observar o esforço dos periódicos para sensibilizar a população a respeito dos efeitos da guerra.

Agora, como essas informações eram recebidas pelo público é algo complexo de mensurar, mas sabemos que nem sempre surtia o efeito desejado. No dia 10 de agosto, o *Correio* noticiou a entrega da residência: “d. Elósia recebeu a chave da sua casinha de taipa e telhas, situada à rua Permínio Souza, n.339.” [*sic*] A campanha havia arrecadado Cr 3: 269\$700,00, após a compra restou uma quantia de Cr 446\$300 que foi entregue para a beneficiada. (COROADA de êxito a campanha do “Correio”. **Correio de Aracaju**, 10 de agosto de 1942. p.06).

Embora a divulgação da campanha tivesse o objetivo de inspirar a caridade e a solidariedade, despertou também a cobiça de outros. Dois dias após o recebimento da casa,

o *Correio* trouxe a nota que um “gatuno” tentou roubar a quantia que tinha sido anunciada pelo jornal. (QUIZERAM roubar o dinheiro de d. Elóssia Ferreira. **Correio de Aracaju**, 12 de agosto de 1942. p. 06).

As notícias de guerra, os torpedeamentos de navios brasileiros, a espionagem nazista no Brasil, o integralismo, quinta-colunismo etc. Todos esses temas que estavam em pauta diária nos permitem observar o clima de tensão que estava se formando. A exemplo disso, podemos citar a manifestação, autodenominada de “anti-totalitária”, promovida pela Liga Estudantil de Defesa Nacional, no dia 02 de agosto, na praça Fausto Cardoso.

De acordo com a nota publicada pelo *Correio*, o evento ocorreu debaixo de chuva, o tema principal foi “o perigo das infiltrações quinta-colunistas”, abordado pelo universitário Renato Cantidiano, representante do Bureau anti-nazista. O evento contou ainda com o testemunho de um naufrago dos torpedeamentos.

No protesto que atraiu principalmente os mais jovens, se viam cartazes com os seguintes dizeres: “morra a canalha verde”, “Oswaldo Aranha, líder da democracia”, “O Brasil será sempre livre”, “Fuzilemos os traidores” etc. Essas manifestações se inserem nas passeatas nacionais que se iniciaram em junho pela entrada do Brasil na guerra após os torpedeamentos (O GRANDE comício anti-eixista de ontem. **Correio de Aracaju**, 03 de agosto de 1942. p.06).

Os discurso jornalístico, ainda que tenha seus objetivos de formar uma opinião, de manipular informações também podem ser compreendidos como meios de analisar determinada época. As notas frequentemente publicadas, em alguma medida, são sintomas de um período marcado pelo extremismo. Foram nessas condições que a população aracajuana recebeu os torpedamentos.

4.4 À DERIVA

No dia 18 de agosto de 1942, os jornais sergipano circularam as primeiras notícias sobre os torpedeamentos. O *Folha da Manhã* circulou com a seguinte manchete: “Vandalismo “Eixista” – Covarde agressão da canalha nazista – Torpedeados mais tres navios brasileiros – De luto o Brasil – Reina consternação em todo territorio sergipano – Torpedeados três navios brasileiros – “Baependi” – “Anibal Benevolo” e “Araraquara”(sic).

(VANDALISMO “Eixista”. **Folha da Manhã**, 18 de agosto de 1942. p. 01, 1ª ed).

De acordo com Lino (2022), no dia 14 de agosto os três navios tiveram suas saídas da Bahia atrasada, o retardo decorreu de um problema no abastecimento de água, as três embarcações zarparam no dia seguinte. Na manhã do dia 16, o Capitão dos Portos de Sergipe, Gentil Homem de Menezes, preocupado com o atraso do *Aníbal Benévolo* que deveria ter chegado no dia 15, ordenou que o Aeroclube de Sergipe realizasse um vôo no litoral.

Os recém brevetados pilotos, Walter Baptista e Lourival Bonfim sobrevoaram em direção ao litoral-sul, na Barra de Estância, onde se depararam com grandes manchas semelhantes a “grandes vitórias régias”, nessas manchas várias pessoas se debatiam contra as ondas e destroços. Os pilotos haviam avistado o *Aníbal Benévolo*, ao encontrar o primeiro naufrago, o senhor Firmino Gomes da Silva, cozinheiro, achava que a caldeira do *Loyde* havia explodido acidentalmente.

Mais tarde quando os pilotos se depararam com naufragos do *Baependy* souberam que o navio tinha sido torpedeado. Os ataques ao *Baependy* e *Aníbal Benévolo* foram realizados na noite do dia 15. O *Araraquara* foi torpedeado no dia 16, com a cidade de Aracaju à vista, pouco antes do nascer do sol. O submarino seguiu para o sul e chegando na Bahia torpedeou o Itagiba e Arará nas imediações da cidade de Morro de São Paulo.

Os cinco ataques foram realizados pelo submarino alemão U-507, sob comando do *Korvettenkapitän* Harro Schacht, 35 anos, com um saldo de mais de 600 mortos. Anterior ao mês de agosto de 1942 os ataques submarinos possuíam algumas características em comum: ocorreram no que se chama de águas internacionais; geralmente navios comerciais que realizavam o transporte de cargas para os EUA; os afundamentos ocorreram próximo ao EUA; alguns ataques ainda eram mediados pelas leis de guerra.

Essas circunstâncias mudaram completamente com os novos torpedeamentos. Os ataques ao *Baependy*, *Araraquara*, *Aníbal Benévolo*, *Itagiba* e *Arará* faziam parte da navegação de cabotagem responsável pelo transporte de cargas e passageiros civis entre os portos nacionais. Os ataques ocorreram na faixa de águas nacionais, logo, foi considerado uma agressão à nação que culminou na declaração de guerra.

De acordo com Assis e Maynard (2013), o curto intervalo de tempo que os torpedos foram lançados tornava quase nula a possibilidade de salvamento das vítimas. Segundo Lino (2022), analisando os telegramas militares que informavam sobre os ataques, os navios

estavam a uma distância que podia variar de 50 a 60 milhas da costa. Convertendo em quilômetros, as vítimas estavam a aproximadamente 80 – 96 km de distância.

Os sobreviventes que aos poucos chegavam em terra firme relatavam a noite de terror em que foram lançados ao mar, no agito das ondas, feridos por explosões e estilhaços, queimados por águas-vivas, alguns sobreviveram agarrados aos destroços. Como os torpedos foram lançados rapidamente e logo os navios submergiram, a maioria das baleeiras não foram utilizadas. De acordo com relatos, o *Correio de Aracaju* trazia em sua manchete que o Baependy “afundou dentro de três minutos. (O NAVIO afundou dentro de 3 minutos. **Correio de Aracaju**, 18 de agosto de 1942, ed. 2. p.1).

Os sobreviventes do Aníbal Benévolo relatavam que estavam dormindo quando foram surpreendidos. O torpedo que atingiu a região central da embarcação impediu que os passageiros que estavam nos seus camarotes subissem ao convés. “O Aníbal era quase um navio sergipano” (*sic*), vários dos seus funcionários moravam em Sergipe, o que tornava a tragédia ainda mais dolorida. O navio que transportava 35 crianças entre seus passageiros provocou ainda mais consternação (PARTIDO ao meio. **Correio de Aracaju**. 18 de agosto de 1942. p.01).

De acordo com a análise de Assis (2015) dos relatórios de cadáveres do Arquivo Público de Sergipe, os objetos utilizados pelos naufragos e o cuidado com a aparência física permitiam conhecer mais as vítimas. Havia uma mulher que pelo anel de grau de cinco pedras e uma pérola, provavelmente era professora, também identificados oficiais, negociantes e entre outros.

Estavam inclusas também pessoas de condições financeiras mais modestas, como lavadeiras, cozinheiros, zeladores e entre outros, indicadas pelas roupas simples, a dentição maltratada e as mãos calosas, provavelmente ocupavam as classes inferiores dos navios. O U-507 ceifou a vida de homens, mulheres, crianças, jovens, adultos e velhos.

Ainda de acordo com a autora, Sergipe não tinha preparo para uma tragédia dessa magnitude. Aproximadamente 600 pessoas mortas, o despreparo podia ser sentido pelo sepultamento dos corpos que ocorreu nas praias em valas comuns. A assistência foi realizada de maneira bastante improvisada. No entanto, através dos discursos dos jornais, tudo era feito com prontidão exemplar:

O governo estadual que tem a sua frente a figura patriótica e enérgica do coronel Maynard Gomes não perdeu tempo. Sabedor do ocorrido, tomou todas as providências no sentido de prestar o necessário socorro as vítimas. Para tanto pois a disposição tudo de que o Estado dispunha. Meios de transporte, médicos, enfermeiras, chefes de repartição, funcionários etc. (*sic*) (AÇÃO do Governo. **Folha da Manhã**, 18 de agosto de 1942, n. 341. p. 1, 1ª ed.).

Primeiramente, não há dúvidas de que o Estado teve que tomar providências e provavelmente colocou-se à disposição. Mas o que chama atenção é o tom elogioso utilizado, a manchete traz a ideia de um governo ativo, há uma necessidade de destacar o papel do Estado personificado na figura do interventor Maynard enquanto provedor e detentor do controle. A impressão é que qualquer ocasião era oportuna para promover as autoridades.

Destroços dos navios e restos mortais chegavam às margens das praias a todo momento, o que deixou a cidade Aracaju em polvorosa. Na tentativa de conter o tumulto, seguiram-se ordens do diretor geral do Departamento de Imprensa e Propaganda – DIP, Lourival Fontes, emitidas em 05 de abril de 1942, proibindo a divulgação de notícias sobre ataques a navios de quaisquer nacionalidades em águas brasileiras, o que explica os jornais sergipanos só terem noticiado os ataques após três dias do primeiro torpedeamento, no dia 18 de agosto. (ASSIS; MAYNARD, 2013).

No dia 17 de agosto foi realizado o Comício de Desagravo, na Praça Fausto Cardoso, região central da cidade. Da sacada do Palácio do Governo discursou o interventor Maynard Gomes “concitando a população a ter calma e confiança no governo federal, pois este agiria em defesa da soberania nacional”, enquanto os manifestantes bramiam em “vivas” ao Brasil e pediam pela declaração de guerra. (GRANDE manifestação patriótica. **Correio de Aracaju**. 18 de agosto de 1942, p.1).

Provavelmente, as manifestações atingiram seu ápice de comoção com a chegada dos náufragos, segundo o Correio de Aracaju:

Cerca das 14 horas e meia chegam em varios automóveis os náufragos do “Baependy”. Muitos estavam feridos e se apoiavam aos ombrs dos companheiros de viegem, distintos elementos da sociedade estanciana e figuras do nosso meio. Foi um momento de emoção pesada, silenciosa. Mas um momento apenas, porque dentro em pouco a indignação novamente se exprimia através a palavra de guerra ao nazismo e à 5.ª Coluna. (*sic*). (CHEGARAM os náufragos. **Correio de Aracaju**. 18 de agosto de 1942, p.1).

A imagem das vítimas trouxe a ira dos manifestantes, e após os minutos de silêncio

os protestos saíram do controle e seguiram em atos de violência. O *Folha da Manhã* descreveu a notícia do afundamento do *Itagiba* e *Arará* como o momento maior animosidade: “aí então dobra a consternação do povo e a sua indignação chega ao auge. A polícia vê-se obrigada a intervir por várias vezes a fim de conter a multidão e evitar distúrbios. O povo é dócil e obedece facilmente.” (*sic*) (MAIS dois navios torpedeados. **Folha da Manhã**, 18 de agosto de 1942, ed. 02. p. 01).

Os ataques que até então chegavam aos sergipanos pelas notas de jornais ou pelas ondas de rádio, se impunham brutalmente numa tragédia a céu aberto nas praias sergipanas. O custo de vidas humanas foi alto e o sentimento de revolta e vingança veio à tona na população. A notícia se espalhou e incendiou várias capitais brasileiras que saíram às ruas em protestos, Rio de Janeiro, Recife, São Luís, João Pessoa, Fortaleza, Porto Alegre, São Paulo etc. Dessas manifestações sobressaem três características: o pedido para que o Brasil declarasse guerra ao Eixo, a participação estudantil e os atos de violência praticados contra os estrangeiros do Eixo residentes no Brasil. (LOCHERY, 2015. ; PEREIRA, 2019).

No dia 22 de agosto, depois da pressão exercida pelos protesto nacionais, o presidente Getúlio Vargas assinava a declaração de guerra ao Eixo (Alemanha e Itália). Dentro do contexto dos torpedeamentos, os ataques do litoral sergipano constituíram o estopim para a entrada efetiva do Brasil na II Guerra (LOCHERY, 2015).

4.5 A VIBRAÇÃO CÍVICA DE SERGIPE

Os torpedeamentos e a declaração de guerra, por coincidência ocorreram próximo às semanas das maiores comemorações patrióticas, dentre muitas que ocorriam durante o ano. O momento de insegurança e o nacionalismo latente foi habilidosamente aproveitado para endossar os valores cívicos e o amor à pátria. Figuras militares como Duque de Caxias eram estrategicamente evocadas “valente soldado brasileiro...símbolo de heroísmo e bravura”. Personagens do passado foram utilizadas para atender aos interesses daquele momento, o passado legitimava uma causa daquele presente (DUQUE de Caxias o patrono do exército brasileiro. **Folha da Manhã**, 25 de agosto de 1942, n.347.p.4).

Em Sergipe ocorria a “Semana de Caxias”, era comemorada em todo o Brasil, algumas programações ocorriam no Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe – IHGS. O

evento contava com as personalidades políticas de Sergipe, como o interventor federal Augusto Maynard, o major do 28 ° Batalhão de Caçadores. Enquanto espaço de sociabilidade na década de 1940, o Instituto pode ser visto como ambiente elitista, incentivador da cultura erudita. Já atividades culturais mais populares ocorriam nos cines-teatros ou clube esportivos sergipanos (A SEMANA de Caxias. **Folha da Manhã**, 26 de agosto de 1942, n. 349. p. 4).

As escolas sergipanas também faziam parte dessa semana comemorativa, na ocasião, no Educandário Jackson de Figueiredo, “foram inaugurados os retratos do Duque de Caxias e do Presidente Vargas” A idolatria em torno da figura presidencial, foi uma prática comum no futebol sergipano. De acordo com Maynard (2013), as reverências feitas pelos clubes de futebol sergipano às personalidades políticas, principalmente ao presidente Getúlio Vargas como patrono dos times, colocados como objetos de culto pelos clubes de futebol, e conforme foi verificado, pelas escolas também. (NO EDUCANDÁRIO Jackson de Figueiredo. **Folha da Manhã**, 26 de agosto de 1942, n. 349. p. 4).

Provavelmente, o ápice dessas comemorações ocorreram no discurso proferido pelo Interventor Augusto Maynard, na Praça Fausto Cardoso, na sacada do Palácio do Governo:

A vibração cívica de Sergipe

Governo e povo unidos pela causa da liberdade, em torno do chefe da Nação.

Cerca de 10000 pessoas reuniram se às 19 1/2 horas da noite ontem, na Praça Fausto Cardoso, para ouvir a palavra do chefe do poder executivo. Da sacada do Palácio do Governo, o bravo soldado sergipano, que é o cel. Augusto Maynard mostrou à gente de sua terra, através de sua palavra, numa perfeita compreensão de sua missão, ora como real dirigente de um povo, ora como verdadeiro soldado da patria, a nossa atitude frente aos acontecimentos atuais. Quando o S.Excia o Snr. Interventor disse: toda vez que qualquer de vós tiver conhecimento de um fato que interesse a nossa defesa, a defesa da coletividade, de um acontecimento criado pelo inimigo no intuito de jerir a nossa soberania transmiti ao vosso governo, porque todas as providencias serão tomadas, percebemos claramente que este governo visa, com patriotismo, resolvê-la em cooperação com o povo, que deverá sempre estar alerta contra os traidores, em vários casos que possam surgir, e que sejam capazes de perturbar a ordem pública, ou mesmo, jogar nos futuramente no abismo. Ao encerrar o seu discurso o cel. Augusto Maynard assim se expressa: “Sergipanos!... Preparai-vos para a guerra! Ou vencemos, ou então seremos, escravizados pelo agressor durante o resto de nossas vidas.” (*sic*) (A VIBRAÇÃO Cívica de Sergipe. **Folha da Manhã**. 24 de agosto 1942, n. p.1).

A menção de “bravo soldado sergipano” fez referência à levantes militares antigos que o interventor havia participado. Segundo o Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro da Augusto Maynard Gomes (1886 – 1976), nasceu no município de Rosário do Catete – Sergipe, filho de Manuel Gomes da Cunha e Teresa Maynard Gomes. Sua carreira militar

iniciou em 1902 com o ingresso na Escola Tática de Realengo, no Rio de Janeiro, onde chegou até a patente de 2º tenente. No ano de 1919 retornou para Sergipe, para o 41º Batalhão de Caçadores, onde foi promovido a 1º tenente permanecendo até 1920. (DHBB/FGV)

Na ocasião da Revolta Tenentista (1922-1924), Maynard era 1º tenente e foi um dos líderes do levante em Sergipe que ocorreu no dia 13 de julho de 1924. Entretanto, o movimento fracassou e o tenente foi mantido preso na própria unidade militar. Como desfrutava da simpatia das tropas sergipanas, em 1926, o 1º tenente articulou a tomada do Batalhão sergipano, também fracassada. Quando capturado, foi aprisionado na Ilha da Trindade, no Espírito Santo, junto com outros rebeldes militares tenentistas.

Durante a Revolução de 1930 que levou o Getúlio Vargas à presidência, Augusto Maynard foi anistiado e promovido a capitão incumbido da função de interventor federal do Estado permanecendo até 1935. Em 1942, já promovido a coronel, retornou a função de interventor de Sergipe.

O *Folha da Manhã* se valia da própria trajetória pessoal e política do interventor para incitar o civismo no povo. O discurso buscava aliar povo e governo em torno de uma causa. Dessa modo, se percebe como o engajamento em torno da guerra não partia apenas do Estado, mas também de outras instituições, como o próprio jornal que cerrava fileira junto ao governo.

A mensagem do interventor, na verdade, pedia que o povo confiasse no “Estado”, este seria responsável por resolver os problemas relacionados à segurança. Com os ânimos populares exaltados e os ataques de violência que estavam ocorrendo contra estrangeiros e suspeitos, o governante, provavelmente estava com sérias dificuldades para estabelecer a ordem.

4.6 REUNIÕES NOTURNAS SECRETAS E ESPIÕES

Apesar dos destaques diferentes observamos que essas notícias que foram divulgadas no *Folha da Manhã* e no *Correio de Aracaju*, pouco noticiaram sobre o caráter violento das manifestações como as agressões contra estrangeiros do Eixo. O máximo de tensão que se pode inferir é a menção da necessidade da intervenção policial, mas logo em seguida retratou o povo como “dócil e obedece facilmente”.

O trecho acima deixa subtendido que ocorreram excessos, uma vez que foi necessária

a intervenção policial. No entanto, em seguida o jornal já ressaltou que “o povo é dócil e obedece facilmente”, para representar uma imagem ordeira. O aspecto dessas manifestações de desagravo que o jornais não noticiaram foi a violência praticada contra estrangeiros e suspeitos.

Nessa atmosfera de constante suspeição, o problema no abastecimento de água foi tomado pela população como “obra da quinta-coluna” para permitir o ataque, por exemplo. A suspeita não era um problema, mas direcioná-la ao estrangeiro e usar isso para justificar a violência, era como escolher o bode expiatório perfeito.

Um inquérito foi aberto pelo chefe de polícia local, Enoch Santiago, para apurar atividades suspeitas que podiam ter colaborado com os torpedeamentos. O autor justificava:

“nada mais justo neste momento, em que os laços de patriotismo se afrouxam, e indivíduos sem escrúpulos e falhos de dignidade poem-se, às vezes, a serviço do invasor, como temos a experiência em vários países que foram ocupados, com a ajuda de seus nacionais”. (SANTIAGO, Enoque. Inquérito, 1942).

O inquérito apontava para a possibilidade de existir possíveis culpados vivendo entre os arcajuanos. Foram ouvidos depoimentos de 57 pessoas, “na sua maioria gente qualificada”, separados em integralistas e estrangeiros. Entretanto, nesse documento só tivemos acesso às falas dos adeptos ao integralismo e as reuniões secretas que ocorriam.

Logo no início, o autor advertiu que os depoimentos foram recolhidos:

“com a mais louvável liberdade, como deve proceder a Polícia num regime democrático. Nas democracias, a Polícia não é opressão. [...] em nossa pátria, somos tão livres e tão felizes, que mesmo respondendo processo, gosamos dos maravilhosos dons da liberdade [...] antes assegura aos acusados meios de defesa”(SANTIAGO, Enoque. Inquérito, 1942).

No papel, essa fala era perfeita, mas na prática era controversa. O Brasil vivia em ditadura, o Estado Novo, a nota é mais um elogio às autoridades a quem se dirigia o inquérito. Essa liberdade não foi estendida a todos, muitos estrangeiros foram presos sem provas. O fato de ressaltar que os depoimentos foram apurados com “louvável liberdade” podem apontar justamente para o inverso disso.

Sobre as reuniões secretas noturnas, foi relatado que ocorriam na Draga das Obras do Pôrto, os depoimentos discordavam a existência delas no local indicado. Provavelmente, aconteciam em lugares diferentes, o que tornava difícil o rastreamento pela polícia. Conforme os depoimentos, as reuniões contavam com a participação de integralistas que

remontavam a 1937 e nesse contexto de guerra levantava mais desconfiança ainda.

No relatório policial alguns nomes como Antônio Lima de Farias, Jacinto Figueirêdo Martins, Dr. Joaquim Fraga Lima e João Alves foram apontados como integralistas fervorosos. As declarações dos depoentes traziam algumas similaridades, não negavam a sua simpatia pelo integralismo, sobre isso Santiago escreveu: “não temos receio de dizer que, das atitudes dessa gente para o quintacolonismo, o passo é muito pequeno”.

Os relatos seguiam afirmando que naquele momento juravam lealdade a Vargas e o Estado Novo, pois a sua instauração coincidia com os anseios integralistas. Tais declarações de apoio ao regime podem ser interpretadas enquanto estratégias dos interpelados para escapar das suspeitas. O chefe de polícia concluía o inquérito relatando que não havia provas que os ligassem aos torpedeamentos, mas com relação ao “princípio integralista, êles não abandonaram e conservam com o maior carinho”.

Diferente dos integralistas brasileiros que tiveram apenas que esclarecer seus posicionamentos políticos, os estrangeiros alemães e italianos principalmente, tiveram suas prisões decretadas logo após os torpedeamentos. A documentação relativa ao tratamento dispensado aos estrangeiros foi proveniente apenas dos jornais.

No dia 13 de outubro o *Correio de Aracaju* publicou uma lista 17 presos que foram colocados em liberdade por falta de prova, detidos durante quase dois meses. O critério utilizado pela polícia foi apenas a nacionalidade estrangeira. (POSTOS em liberdade vários súditos do Eixo. **Correio de Aracaju**, 13 de outubro de 1942. p.04). No dia 16 de outubro, o *Correio* publicou o inquérito policial que foi cedido pelo Chefe de Polícia Enoch Santiago ao jornal. Todos os presos eram homens, não teve prisão de mulheres. O casamento com brasileiras e possuir filhos brasileiros era uma informação enfatizada no inquérito:

Otto Carl Weid – Alemão. Chefe da secção de eletricidade da Fábrica de tecidos S. Gonçalo, em s. Cristóvão. Fez uma declaração escrita ao delegado de polícia militar e ao prefeito municipal da cidade, casado com brasileira (fls. 56). (*Sic*) (O QUE se apurou das atividades eixistas em sergipe – o relatório do chefe de polícia. **Correio de Aracaju**, 16 out. 1942. p.23).

Nesse momento possuir alguns objetos levantavam suspeitas, o rádio era um desses objetos, provavelmente, isso ajude a explicar a prisão do alemão Frei Eusébio. No inquérito constava que “ nada foi apurado de culpabilidade. (fls. 74). Havia a suspeita que os frades do Convento São Francisco em São Cristóvão e da Igreja de Santo Antônio, localizado na Colina

em Aracaju, estavam repassando informações via rádio pelo alto das torres das igrejas e emitindo sinais luminosos em direção ao mar para os submarinos. Uma comissão foi formada para verificar o alcance das ondas radiofônicas que se mostraram de curta propagação (CRUZ, p. 175-177).

Após quase dois meses de investigação a polícia chegava à conclusão que apenas o porte ilegal de armas do italiano Nicola Mandarino era o que o incriminava, as outras suspeitas apresentavam “discrepâncias” conforme foi escrito no inquérito. O outro estrangeiro que permaneceu preso foi o consertador de pianos alemão, Herbert Merby. Diferente de Nicola Mandarino, a acusação a Merby se baseava apenas em seu comportamento, pois trabalhando na casa do senhor Roldão Fragoso, ao se deparar com um quadro do sagrado coração de Jesus disse: “tire esse judeu cretino da parede”. Pelo relatório de apuração, Merby foi descrito como um fervoroso nazista.

Entretanto, observando os discursos com cuidado e reduzindo a escala de observação do nosso objeto, a uma distância que permite enxergar a relação desses indivíduos com o meio, poderemos vislumbrar como intrigas pessoais se misturaram ao movimento e ajudaram a explicar porque a fúria popular recaiu mais sobre uns estrangeiros. No momento de manifestações populares os ânimos ficaram exaltados e parte da população saiu às ruas vandalizando residências de estrangeiros. A quase 100 m de distância da Praça Fausto Cardoso, onde ocorriam as manifestações, se localizava a suntuosa moradia do italiano Nicola Mandarino, numa das regiões mais nobres da cidade. A antena de rádio que saía da torre da casa dos Mandarininos provocou os mesmos boatos de que foram vítimas os frades franciscanos alemães.

Num ataque de fúria coletiva a casa do italiano foi depredada e incendiada pela população, a família foi retirada às pressas pela polícia antes que uma tragédia maior pudesse acontecer. As lojas que o italiano possuía no centro da cidade também foram alvo da revolta popular, em uma dessas lojas estava o vestido de noiva de Milena Mandarino, filha de Nicola.

Esse evento, conforme alguns relatos, trouxe má sorte para o casamento de Milena. O acontecimento foi rememorado na década de 1960, na ocasião em que o esposo de Milena, o deputado Carlos Firpo, foi brutalmente assassinado. A perseguição e a situação vexatória a que foram submetidos entrou para a memória popular e persistiu durante muito tempo.

Sobre o atentado, *O Nordeste* em especial, travou um verdadeiro combate ao estrangeiro italiano. Em algumas notas, o jornal interpretava os atos de violência praticado pela população como “demonstração de patriotismo e sentimento cristão”. A casa de Nicola, conforme exposta na manchete, foi transformada em um “quartel general da quinta coluna” nas palavras do impresso. (CASA e propriedades do estrangeiro Nicola Mandarino transformado em quartel general da quinta coluna. **O NORDESTE**, 18 de agosto de 1942, p.03 n.144).

O italiano era acusado de ter uma estação de rádio por onde teria passado informações sobre os navios torpedeados, posse de armamentos de guerra e hospedagem de tripulantes alemães do U-507. Dessas acusações, apenas a penúltima foi comprovada, o caso de Nicola foi julgado pelo Tribunal de Segurança Nacional. A posse de uma estação de rádio e uma bandeira italiana, aos olhos do jornal, o tornava criminoso:

Tambem foram apreendidos documentos, um retrato de Hitler e a bandeira italiana. Tudo isso na residência particular e na casa comercial de um cidadão estrangeiro que enriqueceu em nosso pais e ainda se naturalizou brasileiro. (*sic*) (CASA e propriedades do estrangeiro Nicola Mandarino transformado em quartel general da quinta coluna. **O NORDESTE**, 18 de agosto de 1942, p.03 n.144).

Sendo assim, se percebe como *O Nordeste* trazia um discurso repleto de xenofobia, o que uma bandeira poderia atestar enquanto prova de crime como foi citada acima? A aversão ao estrangeiro vinha à tona em “um cidadão estrangeiro enriqueceu em nosso pais (*sic*)”, sugerindo a impressão que a riqueza dele era, na verdade, do Brasil. Essa fala ganhava um respaldo jurídico com o Art. 1º do decreto-lei 4.166, 11 de março de 1942, determinava que os bens e direitos dos súditos alemães, japoneses e italianos responderiam pelos atos de agressão (BRASIL, Decreto-Lei 4.166, de 11 de março de 1942).

Provavelmente, para além da desconfiança e revolta popular provocada pelo torpedeamentos, existiram também motivações pessoais que levaram a escolha de Nicola como culpado. As falas que se referem as riquezas do estrangeiro deixam transparecer que o sucesso financeiro não era bem visto por todos. Coincidentemente, o redator de *O Nordeste*, Francisco de Araújo Macêdo possuía negócios na mesma área que o italiano, os dois eram donos de Madeireiras o que poderia gerar algum tipo de concorrência.

A partir do que foi apresentado, observamos que o responsável pelos torpedeamentos já existia no imaginário popular antes mesmo da ocorrência dos ataques.

Para a sociedade aracajuana que diariamente era incitada a tomar cuidado com a “quintacoluna”, com os “traidores da pátria”, tal como escreviam os jornais, não precisava muito esforço para atribuir à tragédia aos estrangeiros.

4.7 ARACAJU SOB ATAQUE: TREINAMENTOS DE DEFESA PASSIVA ANTIAÉREA, BLACKOUTS

Na provinciana cidade de Aracaju de 1940, a guerra provocou mudanças substanciais no cotidiano dos habitantes. Os torpedeamentos trouxeram a face mais brutal desse evento, mas a ocorrência de *blackouts* e treinamentos de defesa passiva antiaérea também distoavam da realidade dessas pessoas e alteravam o cotidiano dos que viveram nesses tempos.

Em 1943, Aracaju conheceu os treinamentos de defesa passiva antiaérea que já estavam ocorrendo em outras capitais nordestinas, como Recife e Natal. Após a sequência de torpedeamentos dos navios brasileiros em 1942, o governo instituiu a obrigatoriedade da adoção de medidas de segurança. Os treinamentos simulavam bombardeios aéreos, tudo era previamente combinado e as instruções de como a população deveria proceder eram publicadas nos jornais. Os abrigos eram locais públicos previamente estabelecidos e divulgados nos jornais, os treinamentos eram realizados em parceria com o Aero clube de Sergipe. Segue uma lição:

1º) – Logo entre no “abrigo” só sair quando desaparecer o perigo de ser alvejado por bombas explosivas ou granadas. Recinto do “abrigo”: portar-se com disciplina. 3º) – Não permanecer, mesmo da entrada do “abrigo”, olhando as evoluções dos aviões atacantes.

4º) – Ao ouvir os sinais de alarme, dirigir-se incontinentemente a um dos prédios designados para “abrigo”; abrigar-se no meio fio das calçadas ou entre paredes de construção sólida. (sic) (7ª LIÇÃO. **Correio de Aracaju**, 01 de março de 1943, p.4).

De acordo com Maynard (2011. p.2), no relato do *Folha da Manhã* após o primeiro treinamento, o evento foi narrado quase em tom de “espetáculo”, em que o narrador misturava a realidade com a fantasia. Esse toque quase cinematográfico do jornal possibilita compreender o quanto aquela situação era estranha para a realidade de uma cidade como Aracaju.

Para os *blackouts*, era necessário que a cidade ficasse às escuras para não chamar atenção do inimigo em caso de ataques vindos do mar, janelas deveriam ser cobertas ou pintadas de preto, todas as luzes das casas e ruas eram apagadas. Em Aracaju, os *blackouts* ocorriam desde 1942. Todavia, nem todo mundo obedecia as ordens dadas pelo governo, conforme publicou o *Folha da Manhã*:

Moradores do prédio à rua de Santo Amaro esquina da praça Olímpio Campos, desrespeitavam as ordens para as noites do Blackout. Às 22 horas, isto é, quando a cidade já dormiu e as luzes das ruas estavam apagadas, os moradores do referido prédio (andar superior) conservaram suas luzes acêdas cujo clarão era percebido de longe. O guarda civil, no desempenho de sua missão, para sanar também as faltas aproximou-se do referido prédio e procurou observar os moradores, pedindo que apagasse e depois as luzes pois aquilo assim estava contrariando as normas do Blackout. A resposta que o filósofo morador teve para dar ao paciente guarda foi a seguinte: estou me preparando para dormir depois apagarei. Minutos depois eram apagadas as luzes para logo serem de novo acêdas. (**Folha da Manhã**, 14 de setembro de 1942, n.363, p.4).

O jornal só não citou nomes da pessoa, mas a repreensão tinha endereço certo. A preocupação em torno da ameaça dos ataques não era partilhada por todos. Não era fácil para o aracajuano que já convivia com o fornecimento de luz interrompido constantemente pela precariedade dos serviços públicos ter que lidar com os *blackouts* (MAYNARD, A. 2013).

Entretanto, o medo era real para os aracajuanos que sentiram os horrores da guerra tão próximo. Apesar do discurso bélico de incitação à guerra, o aracajuano do litoral queria distância do conflito. No dia 05 de setembro, com os torpedeamentos recém ocorridos chegou um boato em Aracaju de um submarino que estava na costa sergipana. Diante disso, os moradores da cidade iniciaram a fuga para o interior, ao que o jornal respondeu que o povo “deve ao contrario, marchar para os quartéis e pedir armas! Nada de covardia, porque o fim dos covardes é a chibata do inimigo” (NÃO nos intimidam ameaças nem boatos alarmantes. **O Nordeste**, 05 de setembro de 1942, p.01).

4.8 TEMPOS DE CARESTIA

No domingo de 19 de julho de 1942, o governo federal determinava que os automóveis não deveriam circular a partir daquele dia. O Conselho Nacional de Petróleo tomava essa medida para racionalizar o uso do combustível em prol do abastecimento para a guerra. A medida provocou grande rebulição em Aracaju, os mais abastados e donos de

automóveis teriam que andar a pé ou utilizar os bondes. Os jornais justificavam que a medida era por uma causa nobre, provavelmente, muitos deviam discordar.

De acordo com a notícia, a medida governamental provocou uma ocupação de carros movidos a tração animal nas cidades e as bicicletas estavam esgotadas nas lojas da cidade do Rio de Janeiro. Em Aracaju, já que os carros estavam proibidos de trafegar os carros de bois voltaram a ter seu valor. Uma crônica publicada no *Correio de Aracaju* por Epiphânio Dória, fazia um verdadeiro elogio aos carros de boi:

O Carro de Boi

O transporte é um dos instrumentos do progresso, na orbita econômica. Sem ele estiliona-se as industrias, morre o comercio e a riqueza se torna infecunda... Quando se concluir esse original inquerito é que poderemos ver quanto devemos ao antigo veiculo que marchava cantando, glorioso de sua missão, cheio de orgulhos [...] Quanto menestrel entusiasta não sentiria inveja da sorte do carro humilde, conduzindo à cidade as musas inspiradoras do éstro! (O CARRO de boi. *Correio de Aracaju*, 20 de Julho de 1942. p.04).

Em tempos de crise, cada um utilizava o que estava ao seu alcance para driblar as dificuldades diárias. A carestia fazia parte do cotidiano do aracajuano e os torpedeamentos intensificaram ainda mais essa situação. De acordo, com Lochery (2015), o custo de vida no Brasil de janeiro de 1943 foi elevado 43% se comparado a 1939.

Entretanto, a inflação era um problema anterior à Guerra. No início de 1943 foi veiculado no *Correio de Aracaju*, a decisão do coordenador de mobilização econômica que promulgou a Portaria de número 36 do decreto- lei 4570, 28.09.1942, na qual as autoridades políticas municipais teriam poderes para fixação dos preços de mercadorias e serviços, as já conhecidas Comissões de Tabelamento, responsáveis por instituir e fiscalizar o preço a ser cobrado pelos gêneros alimentícios de primeira necessidade.

De acordo com Andreza Maynard (2015), a especulação dos preços já era um problema do Estado Novo recorrente desde a década de 1930, e as medidas de controle também remontam essa época, com a criação das Comissões de Tabelamento, em 1938. As dificuldades econômicas eram uma das maneiras em que a Guerra mais se fazia presente no cotidiano de Aracaju e se prolongaram durante muito tempo.

Após a ocorrência dos torpedeamentos, a navegação de cabotagem era acompanhada pelo sistema de comboios para garantir a segurança. Entretanto, Sergipe ficou fora da rota dessa navegação porque o porto sergipano era considerado raso gerando problemas de escassez dos alimentos. A carne verde (carne fresca), foi o alimento mais mencionado pelos

moradores. Os problemas variavam desde a escassez do produto até a especulação dos valores e o oportunismo dos vendedores.

Entretanto, se faz necessário analisar a maneira como os problemas são noticiados na última página do periódico, direcionando a culpa da alta dos preços apenas aos vendedores, embora o abastecimento insuficiente de carne e falta de fiscalização fossem um problema público. A alta dos preços era atribuída apenas aos açougueiros que são classificados como “oportunistas”, “imperadores do talhe”, “mareguefes”, dentre outros nomes pejorativos.

A falta de tráfegos para Sergipe justificada pelos torpedeamentos gerou um sério problema no escoamento do açúcar sergipano para o país. No dia 10 de maio de 1943, uma notícia foi publicada denunciando que 600.000 sacas de açúcar estavam aguardando transporte no porto sergipano. O Rio de Janeiro, estado que comprava o insumo sergipano já estava sentindo a falta do produto no mercado. Nas notícias é divulgado sempre que os governantes estavam empenhados em resolver o problema, entretanto, durante todo o ano de 1943 é possível acompanhar os reclames. Na prática, os torpedeamentos de fato tinham dificultado o transporte, mas o problema que se prolongou durante mais de um ano revelou um certo descaso por parte das autoridades competentes (600.000 SACAS estão encalhadas no Porto. **CORREIO DE ARACAJU**, 10 de maio de 1943, n.3.371, p.2).

4.9 PE. BRITO OPINA

Padre Brito foi um colunista-cronista do jornal *Folha da Manhã*, na sua coluna central localizada sempre na página três, o padre discorria sobre os mais diversos assuntos. Ele falava sobre religião, é claro, mas também deixava sua opinião sobre a guerra, sobre o comunismo, sobre Hitler, sobre filme, a educação de crianças, as festas, até sobre o costume de beijar e o engajamento na campanha “Kisses not”, por considerar o hábito inapropriado. Padre Brito, embora controverso, diverte muito o estudante de história que vai lê-lo nos arquivos empoeirados e se depara com a reconstrução de um mundo que deixou de existir. Sobre todos os acontecimentos, poderíamos esperar o parecer dele.

O carnaval de 1943 foi tema de discussão, a existência da Guerra colocava dúvidas se deveria haver a festividade. Na ocasião, Pe. Brito já tinha sua opinião formada e com antecedência publicou sua negativa no dia 02 de março. Achava a ocorrência da festa de uma

“insasatez”. Na Guerra não era possível conciliar com a folia do carnaval, não era conveniente festejar enquanto uma tragédia tinha assolado recentemente o Estado. Para outros, era justamente por viver em tempos tão difíceis que os momentos de alegria deveriam existir.

Entretanto, a preocupação real do padre era tentar manter a ordem entre os aracajuanos, no período de “farra grossa” que permitiam aos homens e mulheres da época ultrapassar os limites do que era considerado “bons costumes”. Sendo assim, o padre tentava convencer os aracajuanos a não festejarem. Porém, o evento já contava com o aval do governo para ocorrer apenas nos clubes sociais. O popular carnaval de rua estava proibido, o que não impossibilitava sua plena existência na clandestinidade.

Os clubes sergipanos, onde se reunia a elite aracajuana, eram espaços concebidos para agregar lazer e diversão para a “distinta sociedade” da época. O Sergipe e Cotiguiba eram mais acessíveis ao permitir que não associados participassem das atividades através da compra de ingressos. Já a Associação Atlética de Sergipe era restrita ao seus associados.” (SILVA, 2013, p.110 e 155).

Enquanto o carnaval ocorria, Pe. Brito declarava guerra ao Rei-Momo, o personagem carnavalesco foi transformado num “quinta-colunista bagunceiro”. Primeiramente, o padre advertiu seus leitores sobre o porquê que não deveria ocorrer o carnaval, como o recado não funcionou ele apelou para o discurso do “quinta-colunismo”. A estratégia de associar Rei-Momo ao quinta-colunismo parecia seu apelo final para as festas não acontecerem. Mas nada disso funcionou, o carnaval aconteceu. No ano de 1944, o apelo do colunista se repetiu, e mais uma vez ignorado e ressentido descreveu a festa daquele ano como “O carnaval de lágrimas” (REI-MOMO é quinta coluna perigoso. Folha da Manhã, 10 de março de 1943, p.3).

O quinta-colunismo era um tema frequentemente abordado pelo colunista, na ocasião dos torpedeamentos, vários estrangeiros do Eixo se manifestaram como “livres” em repúdio à ação alemã e apoio ao Brasil. Sobre essas declarações o padre deu seu parecer religioso:

O brasileiro é de uma credulidade espantosa.[...] o brasileiro não é muito devoto de S. Tomé, crê no que vê, no que não vê, crê em tudo. [...]De germanofilo emulo de Hitler, Italiano, lacaio de Mussoline. Nipônico nazifascista et caterna, transformou se, por milagre, em cidadão livre. [...]Eu não sou partidario de Tomé. Sou até um pouco credulo. Porem, me desculpem. Não acredito muito no

patriotismo do alemão, do italiano e do japonês que grita sou livre, sou Judeu...Devemos ter muito cuidado com estes patriotas estrangeiros improvisados e exaltados. A 5ª coluna é muito fácil Juntar se uma 6a. coluna...(METAMORFOSEADOS. **Folha da Manhã**, 28 de agosto de 1942, p.3, n.351).

A notícia acima iniciou com o Pe. Brito descrevendo o brasileiro como povo pacífico, inocente e vulnerável aos falsos discursos. Percebe-se como o autor se utilizou da narrativa, neste caso, referindo-se à passagem bíblica em que Jesus apareceu para Tomé depois de ressuscitado: “Disseram-lhe, pois, os outros discípulos: Vimos o Senhor. Mas ele disselhes: Se eu não vir o sinal dos cravos em suas mãos e não puser o dedo no lugar dos cravos, e não puser minha mão no seu lado, de maneira nenhuma o creerei.” (Jo 20:25).

Na visão do padre, estes “patriotas estrangeiros” não deveriam ser dignos de confiança, a menos que mostrassem na prática que não eram a favor do Eixo, assim como Tomé que precisava ver e tocar nas chagas de Cristo para crer em sua ressurreição. Fazer analogias sobre os mais diversos com temas em pauta e passagens bíblicas era uma das habilidades do padre para educar o leitor. Certa vez ele publicou sobre “A proclamação de Carlos Marx”, à primeira vista, a manchete soava estranha até observar o conteúdo da nota e perceber que o cronista estava se referindo ao filósofo Karl Marx. Karl foi transformado em Carlos, pelo abasileiramento dos nomes à época, assim, Gerard em Geraldo, Giuseppe em José, Freitag em Freitas e entre outros.

Em vez de proclamar “trabalhadores de todos os países, unidos!”, padre Brito sugeria a proclamação cristã, “trabalhadores de todo o mundo, unidos em Cristo, o divino Operário!”. Na visão dele este “é o único capaz de solucionar a debatidíssima questão social”. Nesta curta frase podemos observar os valores preconizados pelo Estado Novo e para o qual o padre cumpria seu papel de disseminador (A PROCLAMAÇÃO de Carlos Marx. **Folha da Manhã**, 18 de agosto de 1943. p.03).

A figura de Cristo poderia ter sido associada aquele que iria “libertar” o operário, mas isso seria muito ousado e não era a visão do religioso. Então, ele transformou Cristo em um operário, o “bom cidadão” deveria seguir esse exemplo. A ideia de trabalho quase como um mandamento cristão era parte do projeto ideológico do Estado Novo para manter essa classe na ordem e disciplina (LENHARO, 1986).

5. CONCLUSÕES

A partir da pesquisa podemos observar como os torpedeamentos de agosto de 1942 estavam inseridos dentro de um contexto de guerra mais abrangente. As brutalidade desses ataques, bem como as peculiaridades que não estavam presentes nos demais permitiram reconhecer o porquê de terem se constituído como estopim para a declaração de guerra.

Através dos periódicos acompanhamos a maneira como as notícias foram chegando para a população bem como as suas ações e reações. A maneira que as informações estavam dispostas nos revelam a intervenção da censura na sutileza com que algumas informações eram ditas, ou até mesmo através dos silenciamentos.

Acompanhar os jornais dia após dia possibilitou uma análise mais profunda do cotidiano daqueles que viveram em tempos de guerra. Os torpedeamentos se impunham brutalmente na realidade dos aracajuanos, mas a ocorrência dos blackouts, os treinamentos de defesa passiva antiaérea e a carestia não eram elementos menos invasivos no dia a dia dos moradores.

Através de uma análise em retrospectiva dos jornais que antecedem os dias dos ataques, se observou que a revolta da população que culminou na agressão de estrangeiros era também fruto de um ambiente de suspeição em que se sucitava constantemente a desconfiança em relação ao outro. Esse inimigo já existia no imaginário do sergipano antes mesmo dos torpedeamentos.

Por fim realizamos uma análise das crônicas do Pe. Brito que possibilitou conhecer quais os temas estavam em discussão naquele contexto. Mas sem perder de vista o lugar social de onde vem essa voz, por vezes polêmica, devemos sempre nos perguntar de quem o Padre Brito era porta-voz. Perceber quando os seus discursos aludem a projetos políticos maiores faz parte do processo de historicizá-lo para compreendê-lo dentro do seu próprio tempo.

6. PERSPECTIVAS DE FUTUROS TRABALHOS

Diante da possibilidade de exploração de temas envolvendo os torpedeamentos em Sergipe em agosto de 1942, as atividades e resultados deste plano de trabalho se desdobraram em novo plano a compor projeto de iniciação (agosto 2022 – julho 2023). Os

Aliados e o Eixo na imprensa sergipana durante a Segunda Guerra (1942-1945) já aprovado. Ademais, a bolsista prosseguirá a produção de verbetes ligados à temática da iniciação e participação no núcleo “Leituras da Segunda Guerra”, iniciativa derivada do Grupo de Estudos do Tempo Presente – GET/UFS, que se reúne semanalmente para discutir obras sobre a II Guerra.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A BÍBLIA. **Jesus aparece aos onze. A incredulidade de Tomé.** Tradução de João Ferreira Almeida. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2003.

APENBURG, Mônica. Sob suspeita: o combate aos estrangeiros em Sergipe durante a Segunda Guerra Mundial. **Revista Boletim Historiar**, Sergipe. n. 04 jul./ago. 2014, p.45-61. Disponível em: <<https://seer.ufs.br/index.php/historiar/article/view/2902/2568>>. Acesso em: 11/07/2019.

BLOCH, Marc. **Apologia da história ou ofício do historiador.** Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 2001.

BURKE, Peter. **A Escola dos Annales (1929-1989): A Revolução Francesa da Historiografia.** São Paulo: Editora Universidade Estadual Paulista, 2010.

BRASIL. Decreto-Lei nº 4.166, de 11 de março de 1942. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-4166-11-marco-1942-414196-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acessado em: 19/07/2021.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. O Estado Novo: o que trouxe de novo? In: FERREIRA, Jorge; NEVES, Lucilia de Almeida. (orgs.) **O Brasil Republicano: o tempo do nacional- estatismo - do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo.** vol. 2. Editora Civilização Brasil. Rio de Janeiro: 2007.

CRUZ, Luiz Antônio Pinto. Aracaju Torpedeada: o perigo dos inimigos internos. In: **“A guerra já chegou entre nós”! O cotidiano de Aracaju durante a guerra submarina (1942-1945).** (Dissertação de Mestrado) Universidade Federal da Bahia: Salvador, 2012. p.15. DANTAS, Ibarê Costa. O controle estabelecido. In: DANTAS, Ibarê Costa. **As políticas das interventorias em Sergipe 1930/1945.** Dissertação (Mestrado em Ciência Política). Universidade Estadual de Campinas. Campinas: 1982. p. 187-236.

DARNTON, Robert. **Os dentes falsos de George Washington: um guia não convencional para o século XVIII.** São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

FGV – CPDOC. **Augusto Maynard Gomes.** Disponível em: <https://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbetes-biografico/gomes-augusto-maynard>. Acesso em: 17/07/2020.

FGV – CPDOC. **DIP**. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/ver-bete-tematico/departamento-de-imprensa-e-propaganda-dip>. Acesso em: 17/07/2020.

FGV – CPDOC. **Quinta Coluna**. Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/glossario/quinta_coluna>. Acesso em: 17/07/2020.

FREITAS, Itamar. O historiador e suas fontes. In: FREITAS, Itamar. **Historiografia sergipana**. São Cristóvão: EditoraUFS, 2007. p.69-74. FREITAS, Itamar. Verdades sobre os jornais. In: FREITAS, Itamar. **Historiografia sergipana**. São Cristóvão: Editora UFS, 2007. p.75-79

GERTZ, René. A Segunda Guerra Mundial nas regiões de colonização alemã do Rio Grande do Sul. **Revista Acadêmica Licencia&acturas**. v. 3, n. 2, julho/dezembro, 2015. p. 15-25. Disponível em: <http://www.ieduc.org.br/ojs/index.php/licenciaeacturas/article/view/84>. Acessado em: 10/08/2021.

GINZBURG, Carlo. **O Queijo e os Vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

LUCA, Tânia Regina de,.História dos, nos e por meio dos periódicos. In. **Fontes históricas.org**. PINSKY, Carla Bassanezi. - São Paulo: Contexto, 2005. p. 112-153.

LOCHERY, Neill. Brasil: os frutos da guerra. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2015.
MAYNARD, Andreza S. Cruz. O cotidiano em Aracaju durante a Segunda Guerra. In: MAYNARD, Andreza S. Cruz. **DE HOLLYWOOD A ARACAJU: a Segunda Guerra Mundial por intermédio dos cinemas (1939-1945)**. 2013. 220 f. Tese (Doutorado em História). – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2013. p. 58-76.

MAYNARD, Andreza S. C. (Org.), BARBOSA, Caroline A. (Org.), MAYNARD, Dilton C. S. (Org.). **Segunda Guerra: Histórias de Sergipe**. Recife: EDUPE, 2015.

MAYNARD, Andreza Santos Cruz. MAYNARD, Dilton Cândido Santos. **Leituras da Segunda Guerra Mundial em Sergipe**. Editora UFS. São Cristóvão-Sergipe: 2013.

MAYNARD, Dilton. Aracaju sob ataque: Aracaju durante a Segunda Guerra Mundial. In: MAYNARD, Andreza S. C. MAYNARD, Dilton C. S. **Dias de Luta: Sergipe durante a Segunda Guerra Mundial**. Rio de Janeiro: Multifoco, 2011. p. 1-37.

OLIVEIRA, Flávia Santos; GONDIM, Laíse Mello; LINHARES, Ronaldo. Jornal Correio de Aracaju e o fim da Segunda Guerra. In: VIII Encontro Nacional de História da Mídia. 2009, Fortaleza-CE. **Anais eletrônicos**. 2009. Disponível em: http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/7o-encontro-2009-1?b_start:int=100. Acesso em: 17/07/2020.

PERAZZO, Priscila. **MAIS HISTÓRIAS DE UAAA (OUTRA) GUERRA: Campos de concentração no Brasil para "súditos do Eixo" durante a Segunda**

Guerra Mundial. **FRONTEIRAS: Revista Catarinense de História**. Florianópolis, n. 13, pp. 25- 41 (nov. 2005). Disponível em: http://www.imigracaohistorica.info/uploads/1/3/0/0/13_0078887/mais_hist%C3%B3rias_de_uma_outra_guerra_perazzo.pdf. Acessado em 10/08/2021.

SANTOS , Priscila Antônia. **Estudo sobre os desdobramentos dos ataques submarinos de 1942 em Sergipe**. Relatório do Programa de Pesquisa de Iniciação Científica (PIBIC/CNPq) do período de 2019-2020. Orientado pelo Professor Dr. Dilton Cândido Santos Maynard. 2020. Disponível em: <https://ri.ufs.br/jspui/handle/riufs/14181>. Acessado em: 10/08/2021.

SEYFERTH, Giralda. Os Imigrantes e a campanha de nacionalização do Estado

Novo. In: PANDOLFI, Dulce (org.). **Repensando o Estado Novo**. Rio de Janeiro: 1999.
SILVA, Néviton Felipe. Associação Atlética de Sergipe: Memórias de um passado esquecido. In: SILVA, Néviton Felipe. **Um retrato preto e branco da Associação Atlética de Sergipe: por entre as sombras do projeto republicano (1925–1949)**. 2013. Dissertação (Mestrado em Educação). – Universidade Federal de Sergipe. Sergipe: 2013. p. 101-137.

Fontes:

Folha da Manhã:

A MANIFESTAÇÃO de pesar dos estudantes. **Folha da Manhã**, 18 de agosto de 1942, ed. 1 p. 1.

A SEMANA de Caxias. **FOLHA DA MANHÃ**, 26 de agosto de 1942, n. 349. p. 4.

A VIBRAÇÃO Cívica de Sergipe. **Folha da Manhã**. 24 de agosto 1942, n. p.1 BRITO, Pe. Declaração de Guerra. **Folha da Manhã**, 24 de agosto de 1942. P.03.

BRITO, Pe. Metamorfoseados. **Folha da Manhã**, 28 de agosto de 1942. p.3. BRITO, Pe. Rei-Momo é quinta coluna perigoso. **Folha da Manhã**, 10 de março de 1943, p.3.

BRITO, Pe. Mais dois navios torpedeados. **Folha da Manhã**, 18 de agosto de 1942, ed. 02. p. 01.

BRITO, Pe. A Proclamação de Carlos Marx. **Folha da Manhã**, 18 de agosto de 1943. p.03. CARVALHO, Pedro. Pacificos sim, mas não covardes. **Folha da Manhã**, 29 de outubro de 1942. p.03.

DE luto o Brasil. **Folha da Manhã**. 18 de agosto de 1942. ed. 01 p. 01.

DUQUE de Caxias o patrono do exército brasileiro. **Folha da Manhã**, 25 de agosto de

1942, n.347.p.4

Folha da Manhã, 05 de setembro de 1942. p.01.

NO EDUCANDÁRIO Jackson de Figueiredo. **FOLHA DA MANHÃ**, 26 de agosto de 1942, n. 349. p. 4

VANDALISMO “Eixista”. **Folha da Manhã**, 18 de agosto de 1942. p. 01,1ª ed.

Correio de Aracaju:

CHEGARAM os naufragos. **Correio de Aracaju**. 18 de agosto de 1942, p.1. GRANDE manifestação patriótica. **Correio de Aracaju**. 18 de agosto de 1942, p.1.

COROADA de êxito a campanha do “Correio”. **Correio de Aracaju**, 10 de agosto de 1942. p.06

ENLOUQUECEU e atirou-se ao mar, quando regressava ao Brasil. **Correio de Aracaju**, 10 de julho de 1942. p.06

O NAVIO afundou dentro de 3 minutos. **Correio de Aracaju**, 18 de agosto de 1942, ed. 2. p.1.

O QUE se apurou das atividades eixistas em sergipe – o relatório do chefe de polícia.

Correio de Aracaju, 16 out. 1942. p.23.

O “Anibal Benevolo”. **Correio de Aracaju**. 18 de agosto de 1942. ed. 3. p.1.O CARRO de boi. **Correio de Aracaju**, 20 de Julho de 1942. p.04.

O GRANDE comício anti-eixista de ontem. **Correio de Aracaju**, 03 de agosto de 1942. p.06.

PARTIDO ao meio. **Correio de Aracaju**. 18 de agosto de 1942. ed. 3. p.1.

POSTO em liberdade Nicola Mandarino. **Correio de Aracaju**, 15 de fevereiro de 1943. p.04.

QUIZERAM roubar o dinheiro de d. Elósia Ferreira. **Correio de Aracaju**, 12 de agosto de 1942. p. 06

SOBREVIVERAM somente 4 pessoas do “Anibal Benevolo”. **Correio de Aracaju**, 21 de agosto de 1942. p.01.

TROUXE o destino de percer no mar. **Correio de Aracaju**, 11 de julho de 1942. p. 06

600.000 SACAS estão encalhadas no Porto. **CORREIO DE ARACAJU**, 10 de maio de 1943, n.3.371, p.2

7ª LIÇÃO. **Correio de Aracaju**, 01 de março de 1943, p.4.

O Nordeste:

CASA e propriedades do estrangeiro Nicola Mandarinio transformado em quartel general da quinta coluna. **O NORDESTE**, 18 de agosto de 1942, p.03.

NÃO nos intimidam ameaças nem boatos alarmantes. **O Nordeste**, 05 de setembro de 1942, p.01.

Diário Oficial do estado de Sergipe

DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO DE SERGIPE, Setembro de 1942.

8. OUTRAS ATIVIDADES

Reuniões quinzenais com o grupo de Leituras da Segunda Guerra pertencente ao Grupo de Estudos do Tempo Presente- GET/UFS, em que foram discutidos textos sobre a temática da II guerra com sua repercussão nacional e internacional através de obras literárias e filmes. Essas discussões possibilitaram o aprendizado através do contato com outros participantes do grupo que estudam a temática da II guerra e estão em níveis diferentes formação (graduandos, mestrandos e doutorandos). Foram lidos e discutidos:

- Guerra Fria: História e Historiografia. Capítulo “A Guerra No Extremo Oriente”.(Sidnei Munhoz, 2021).
- Guerra Fria: História e Historiografia. Capítulo “Operation Unthinkable”. (SidneiMunhoz, 2021).
- As Mulheres do Nazismo. Introdução E Capítulo 01. (Wendy Lower, 2014).
- As Mulheres do Nazismo. Capítulo 02. (Wendy Lower, 2014).
- As Mulheres do Nazismo. Capítulo 03. (Wendy Lower, 2014).
- As Mulheres do Nazismo. Capítulo 04. (Wendy Lower, 2014).
- As Mulheres do Nazismo. Capítulo 05. (Wendy Lower, 2014).
- As Mulheres do Nazismo. Capítulo 06. (Wendy Lower, 2014).

- As Mulheres do Nazismo. Epílogo. (Wendy Lower, 2014).
- Leitor. Filme. (Daldry Stephen, 2008).
- Cinema, Aspirinas e Urubus. Filme. (Marcelo Gomes, 2005).

Atividades em periódicos:

Secretária da Revista Boletim Historiar (Qualis A4), sediada na Universidade Federal de Sergipe e Coordenada pelo Grupo de Estudos do Tempo Presente (GET/UFS). Site: <https://seer.ufs.br/index.php/historiar>

Diagramadora da Revista Boletim do Tempo Presente, pertencente ao Laboratório de Estudos do Tempo Presente/UFRJ e coordenada pela Rede Tempo Brasil. Site: <https://www.seer.ufs.br/index.php/tempopresente>

Participação em eventos e cursos:

Participação no Curso Preparatório Pré-Pibic, Referente ao Edital N° 03/2021 Copes/ POSGRAP/UFS. Abril de 2022.

Participação como Organizadora do Evento Virtual Nacional "IV Debates do Tempo Presente: Movimentos e Imagens na História", na Universidade Federal de Sergipe, sob coordenação da Profa. Dra. Andreza Santos Cruz Maynard e do Prof. Dr. Dilton Cândido Santos Maynard. 20/10/2021-22/10/2021.

Participação Como Apresentadora Do Trabalho "O Combate Da Imprensa Sergipana Aos Estrangeiros Do Eixo Após Os Ataques Submarinos Do U-507" No Simpósio Temático "Conflitos Contemporâneos: Debates Sobre Os Séculos XX E XXI", No "IV Debates Do Tempo Presente: Movimentos E Imagens Na História", Na Universidade Federal De Sergipe, Sob Coordenação Da Profa. Dra. Andreza Santos Cruz Maynard E Do Prof. Dilton Cândido Santos Maynard. 22/10/2021.

Participação Como Ouvinte Do XVI Seminário Interno Do Grupo De Estudos Do Tempo Presente (Get/Ufs) Na Universidade Federal De Sergipe, Sob Coordenação Do Prof. Dr. Dilton Cândido Santos Maynard. 18/12/2021.

Participação como monitora V Visões do Mundo Contemporâneo: 80 anos do Brasil na II

Guerra, na Universidade Federal de Sergipe, sob coordenação do Professor Dr. Dilton Cândido Santos Maynard e da Profa. Andreza Santos Cruz Maynard.

Participação como apresentadora do trabalho “Quinta-colunistas: estrangeiros do Eixo sob o olhar da imprensa sergipana (1942-1945)”, no simpósio Temático “Conflitos e guerras do passado e do presente: perspectivas a partir da contemporaneidade”, no V Visões do Mundo Contemporâneo: 80 anos do Brasil na II Guerra, na Universidade Federal de Sergipe, sob coordenação do Professor Dr. Dilton Cândido Santos Maynard e da Profa. Andreza Santos Cruz Maynard. 18/08/2022.

Participação como organizadora da exposição “Aracaju: a capital que viu a guerra” no Centro Cultural de Aracaju, sob coordenação do Professor Dr. Dilton Cândido Santos Maynard e da Profa. Andreza Santos Cruz Maynard. 18/08/2022.

Publicação:

Publicação Do Artigo “Entre boateiros e espões: os ataques do submarino U-507 e os estrangeiros do Eixo sob o olhar da imprensa sergipana (1942-1945)”. Revista Boletim do Tempo Presente. Disponível em: <https://www.seer.ufs.br/index.php/tempopresente/article/view/16821> 30/11/2021.

Publicação de verbetes no livro “Lugares, personagens e outras coisas de Sergipe(MAYNARD, D. C. S; MONETEIRO, V. C, 2021)”.